

CURRÍCULO ORGÂNICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DO PROTAGONISMO DISCENTE Á TRANSPOSIÇÃO DA ZONA DE CONFORTO DOCENTE

Peterson Amaro da Silva¹
E.E Professor José Righetto Sobrinho²

Resumo

O currículo na educação física escolar vem sendo debatido há muito tempo, com sua imensa gama de conteúdos, metodologias, justificativas, entre outros aspectos, todos a fim de desenvolver uma educação escolar de qualidade que contribua na formação de cidadãos autônomos e críticos, entre outros objetivos existentes na LDBeN e PCN's. Nesta perspectiva o presente trabalho, teve como alguns dos seus objetivos, propor o protagonismo discente na educação física escolar, através de um currículo orgânico, ao qual, os educandos da Escola Estadual Professor José Righetto Sobrinho foram responsáveis na escolha dos conteúdos que os mesmos desejariam aprender durante as aulas de educação física, sendo assim os mesmos obtiveram uma participação maior em sua formação estudantil e social, propondo conteúdos dentro de uma área de conhecimento existente na matriz curricular de sua escola e com isso, estimulando o docente a transpor a sua própria zona de conforto.

Palavras-chave: Currículo orgânico, Educação Física e Protagonismo Discente.

Introdução

Durante um longo período o currículo vem sendo debatido á cerca dos conteúdos que devem ser ensinados aos discentes para contribuir na formação educacional e social dos mesmos, para estimular e desenvolver as suas capacidades cognitivas, motoras, psicológicas, entre outras. Desde então muitos estudos aconteceram com o objetivo de ressignificar alguns aspectos e potencializar outros no currículo educacional escolar, nesta perspectiva, o trabalho aqui presente, não visa expor uma forma única de como se trabalhar as propostas curriculares

¹Professor das redes municipal e estadual de São Paulo, pós-graduado em *Lato-Sensu* no curso de Ensino Lúdico pelo Centro Universitário Barão de Mauá, pós-graduado em *Lato-Sensu* no curso de Educação Física Escolar pela Universidade Cidade de São Paulo, pós-graduado em *Lato-Sensu* no curso de Docência no Ensino Superior pela Universidade Cidade de São Paulo, formado em Pedagogia pela Universidade Camilo Castelo Branco e formado em Educação Física pela Faculdade Brasília de São Paulo.

²Escola Estadual situada na zona leste de São Paulo, pertencente à diretoria de ensino leste dois em São Miguel Paulista.

em uma ou várias disciplinas, pelo contrário, um dos objetivos aqui propostos é que, possa ser socializado um trabalho que foi desenvolvido com discentes dos quintos anos da Escola Estadual Professor José Righetto Sobrinho de São Paulo que obteve sucesso em sua implementação, devido á diversos fatores significativos do contexto ao qual, a proposta está inserida.

Nesta perspectiva, o trabalho buscou se embasar em autores como Sacristán, Correia, Freire, Kunz entre outros, e a lei LDBeN com os Parâmetros Curriculares Nacionais, para analisar o quanto é importante entender o currículo educacional escolar, como também tentar potencializar o mesmo de forma com que se torne mais significativo e próximo aos discentes, com isso, o estímulo ao protagonismo dos educandos torna-se de suma importância para o desenvolvimento de sua autonomia, tendo neste trabalho aspectos que democratizem os conteúdos á serem ensinados aos alunos com a participação dos mesmos e propondo novos desafios ao docente em sua carreira.

Currículo: entre objetivos explícitos e implícitos

Spencer não estava errado quando lembrou aos educadores que uma das perguntas mais fundamentais que nos deveríamos fazer sobre o processo de escolarização é: “Que tipo de conhecimento vale mais?” (APPLE *apud* MOREIRA & SILVA, 1995, p. 39).

O currículo vem e ainda continua sendo debatido por um vasto período, sobre seus objetivos mais explícitos e até mesmos os implícitos, ao qual, poderá influenciar diretamente no pensamento da formação de cidadãos e dentro deste currículo estão seus conteúdos, suas ideologias, suas influências políticas, sua forma de pensar o cidadão. Por um longo tempo, os conteúdos que nos foram ensinados na educação escolar tiveram e ainda tem resquícios de da cultura europeia, como por exemplo, quando nos dizem que o nosso país Brasil onde moramos foi descoberto e não invadido por um grupo de europeus que exploraram o quanto pode os recursos naturais do nosso país na época de sua “descoberta”.

Já em uma concepção reducionistas da micro-física do poder de cada disciplina, podemos nos questionarmos, o porque, algumas disciplinas obtém uma carga horária maior que outras na educação escolar? Será que algumas realmente são mais importantes que outras? Será que realmente a educação física é inferior, quando comparada com outras áreas de conhecimento? Mas, essas áreas de conhecimento não deveriam se interligarem para um objetivo em comum? Será que um professor de educação física não pode alfabetizar cognitivamente os seus respectivos alunos através das práticas corporais que o mesmo propõe?

Evidentemente, nunca agimos no vácuo. A própria percepção de que a educação está profundamente implicada na política da cultura deixa isso claro. Afinal, à decisão de se definir o conhecimento de alguns grupos como digno de ser transmitido às gerações futuras, enquanto a história e a cultura de outros grupos mal vêm a luz do dia, revela algo extremamente importante acerca de quem detém o poder na sociedade. (APPLE *apud* MOREIRA & SILVA, 1995, p. 42).

A luz desta concepção citada anteriormente, podemos analisar que abordar uma área de conhecimento e não outra, é uma escolha ao qual obtém diversos objetivos, sejam eles os mais explícitos ou implícitos e que por muitas vezes o docente não consegue analisar essas questões que o cercam, e quando a mesma classe docente apenas reproduz alguns conceitos que lhe são impostos, sem qualquer senso crítico, se sobressai o interesse daqueles que muitas vezes detém o poder e querem manter o mesmo. Com isso, podemos analisar que o currículo se torna imprescindível na manutenção de uma cultura considerada predominante em relação á outras, sendo muitas vezes inquestionável e expondo uma visão de que toda comunidade escolar tem a mesma realidade, portanto, a forma de se ensinar será a mesma e que muitas vezes perpassa ao longo de muitas gerações:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. (FREIRE, 2013, p. 79).

Sendo assim, o currículo tem além dos seus objetivos educacionais suas questões políticas, culturais e que muitas das vezes contribui para a sociedade continuar sendo a mesma, seja privilegiando um determinado tipo de conhecimento em detrimento de outros, assim como se torna mais fácil gerar corpos dóceis dentro da sala de aula e não na realização de práticas corporais orientadas pelo docente. Cabe o docente refletir sobre essas questões que o cercam e influenciam tanto negativamente ou positivamente em sua prática docente, dependendo do seu ponto de vista.

Houve, durante a Época Clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada ao corpo – ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam. (FOUCAULT, 2014, p. 134).

Portanto, o currículo é sim um instrumento de poder, seja para estimular a autonomia dos seus envolvidos ou para mantê-los alienados e oprimidos, dependendo do contexto ao qual, os envolvidos estão inseridos. Analisando o capítulo dois das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 em seu artigo vinte e seis que expõem a seguinte lei a ser

seguida “Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.”. Com esta lei, podemos analisar que existe um aspecto macro que organiza este currículo e que em determinado momento teria que se tornar micro para respeitar a diversidade cultural, social entre outras diferenças daquela comunidade escolar e que muitas vezes não é analisado e tão pouco abordado pelos profissionais que estão dentro do ambiente escolar educacional.

Contextualizando o espaço da proposta e conhecendo seus protagonistas

A Escola Estadual Professor José Righetto Sobrinho, ao qual foi e esta sendo desenvolvido o currículo orgânico, esta situada na rua: Criúva, nº 380, no bairro Vila Progresso em São Miguel Paulista, pertencente à diretoria de ensino leste 2.

O espaço escolar conta com dezessete salas de aula, sendo que apenas treze contam com o uso efetivo dos discentes, a escola ainda conta com uma quadra poli esportiva, tendo á sua volta um amplo espaço para pratica de outras atividades, um pátio, uma cozinha e refeitório, uma cantina, uma sala de vídeo, uma biblioteca, banheiros, uma sala de informática, secretária, salas para o corpo gestor, uma sala para os professores e um depósito para guardar os materiais de educação física. Este espaço educacional foi inaugurado em 1985 e atende os três ciclos da educação básica, sendo ensino fundamental dois pela manhã, anos iniciais no período da tarde e o ensino médio no horário noturno. Nesta perspectiva a unidade escolar obtém três realidades diferentes em um só espaço, mas em diferentes turnos.

O docente que vem desenvolvendo a proposta curricular exposta durante o texto leciona nesta mesma unidade desde 2009 e já trabalha com o currículo orgânico á três anos com seus alunos dos quintos anos do ciclo anos iniciais. Encontrasse de grande importância ressaltar que o docente lecionou/leciona para as turmas aos quais trabalha o currículo orgânico desde o terceiro ano, tendo um maior conhecimento e uma relação educacional extensa durante estes anos com os discentes que o mesmo se encontra lecionando, os alunos encontram-se com a idade por volta de nove, dez ou onze anos no quinto ano escolar.

A proposta de desenvolver esse protagonismo discente se deu através de muitas leituras, mas, só obteve uma influência maior depois que o professor e autor Walter Roberto Correia em uma palestra na universidade expôs que já havia desenvolvido a proposta do currículo orgânico com os seus antigos discentes na época em que o mesmo lecionava na educação

básica. Isso gerou um interesse muito grande da parte de quem ouviu e pode conhecer um pouco dessa proposta que muitas vezes não os docentes não conhecem.

Desde então, através de leituras e pesquisas, a ideia foi sendo alimentada e estudada, até que foi divulgada para os discentes e implementada aos mesmos.

O discente expondo suas ideias

A escola com sua diversidade de objetivos, ao qual, esperasse que os educandos aprendam determinados conteúdos sobre as disciplinas existentes em sua matriz curricular, também tem como objetivo formar cidadãos críticos e autônomos que participem efetivamente da sociedade e contribuam com a mesma em seu desenvolvimento e cooperação entre os seres humanos para uma sociedade mais justa e igualitária no que tange as questões de oportunidades e diferenças culturais, entre outros aspectos, como encontrasse nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

(...) compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; (BRASIL, 1997, p.47).

Sendo assim, muitos docentes por diversas vezes esquecem-se dos objetivos de contribuir na formação de cidadãos críticos, reduzindo o exercício da sua docência, apenas aos conteúdos de sua respectiva disciplina que muitas vezes se torna descontextualizado aos educandos. Em contrapartida, o discente que muitas vezes não tem as suas opiniões levadas em consideração por muitos profissionais da educação, não se sente parte daquele contexto ao qual está inserido:

A escola deveria ser um espaço democrático que oferecesse a todos os membros da comunidade o acesso ao saber acumulado e ao treinamento crítico para as projeções de mudanças que se fazem necessárias. Para isso seria de esperar que *todos* os alunos pudessem participar de *todas* as disciplinas que compõem o currículo da escola, ou que a possibilidade de escolhas entre as disciplinas elegíveis fosse discutida com a comunidade (...) (TOLOCKA, 2006, p. 172).

Com base na concepção citada anteriormente, diversas indagações surgem na carreira docente, como por exemplo, quando o professor pergunta para seus alunos “o que cada um quer ser quando crescer?”. Pelo contrário, todos os discentes já estão sendo, os mesmos, são crianças, que precisam socializar-se, brincar, sentirem alegria e tristeza, ganhando ou perdendo, seja dentro das brincadeiras respeitando suas regras e transcendendo para o seu contexto fora das atividades corporais que os mesmos exercem para se divertirem.

Cada criança em suas brincadeiras comporta-se como um poeta, enquanto cria seu mundo próprio, ou dizendo melhor, enquanto transpõe os elementos formadores de seu mundo para uma nova ordem, mais agradável e conveniente para ela. (FREUD *apud* BOMTEMPO, 2011, p. 63).

Com isso, o respeito á opinião discente torna-se imprescindível não somente para o desenvolvimento de sua autonomia, mais também para uma cultura democrática que o mesmo pode estar vivenciando desde sua infância. Corroborando com essa linha de pensamento, fica latente o quanto é importante respeitarmos o conhecimento existente das crianças não somente como avaliação diagnóstica, mas também como opinião em processo das mesmas.

Existe um rico e vasto mundo da cultura infantil repleto de movimentos, de jogos, de fantasia, quase sempre ignorado pelas instituições de ensino. Pelo menos até o 5º ano, a escola conta com alunos cuja maior especialidade é brincar. É uma pena que esse enorme conhecimento não seja aproveitado como conteúdo escolar. (FREIRE, 2009, p. 10).

Com esta contribuição de Paulo Freire, se evidencia que respeitar e utilizar o conhecimento discente, é de grande valia, com isso, nesta proposta de currículo, os mesmos justificaram através de textos os conteúdos que os mesmos gostariam de vivencia, e aprender e até mesmo vivenciar novamente práticas corporais que foram prazerosas na concepção dos mesmos e gostariam de repetir novamente. Os conteúdos foram os seguintes, diversas brincadeiras de pegar e fugir, futsal, futebol, basquetebol, voleibol, atletismo com seus saltos, corrida, arremesso e lançamentos, hóquei, esgrima, boxe, caratê, futebol americano, skate, slackline, parkour ginástica, taco, beisebol, peteca, badminton, tênis, tênis de mesa, boliche, arco e flecha e participarem dos jogos olímpicos que os mesmos foram expectadores nos anos anteriores. Tendo essa gama de variedades, surge um desafio maior, como ensinar conteúdos que o docente não teve em sua formação considerada acadêmica?

O currículo orgânico desafiando a formação e a experiência docente á transpor sua zona de conforto

Diversos docentes obtêm facilidades em desenvolver aulas com determinados conteúdos em suas respectivas aulas, sejam os conteúdos que os mesmos vivenciaram em sua formação acadêmica, gostaram e buscaram aperfeiçoar essas práticas, ou alguém tipo de conteúdo que o mesmo tiveram ou exercem uma prática significativa e com mais tempo exercendo em sua própria vida. Nesta perspectiva, os docentes geram uma aproximação maior de determinados conteúdos e que por muitas vezes irá gerar uma segurança para o mesmo ministrar aquele conhecimento, com isso, gerando a sua zona de conforto, ao qual, o professor terá conhecimento daquele conteúdo por estar exercendo o mesmo há algum tempo.

Nesta zona de conforto podemos colocar todos os conteúdos que os docentes têm pleno ou algum domínio e que muitas vezes os mesmos em sua grande maioria não quer ou não deseja sair desta zona de conforto criada. A proposta do currículo orgânico vai em contrapartida desta acomodação docente em sua respectiva zona de conforto, a proposta aqui explicitada visa expor a necessidade dos professores sempre buscarem novas informações, formações, pesquisarem, praticarem, se possibilitar á novas experiências e buscarem leituras dos diversos conteúdos propostos pelos seus educandos.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2013, pgs. 30 e 31).

Com isso, o currículo orgânico, além de contribuir na formação cidadã discente, irá provocar diretamente um esforço maior dos professores que muitas vezes se acomodam com aquele conhecimento que os mesmos já têm acumulado em sua vida e sua formação acadêmica inicial ou continua. Cabe ressaltar que não existe um padrão estabelecido de como trabalhar um conteúdo, e sim propostas que obtiveram sucesso em determinado contexto com aqueles protagonistas envolvidos, sendo assim, o docente necessita de um olhar crítico de sua prática para refletir a mesma. Com base na citação anterior, podemos analisar que ao provocarmos a participação efetiva dos discentes em nossas aulas, saímos da nossa zona de conforto e podemos desenvolver uma ação e reflexão de nós mesmos como docentes, sendo assim:

Por isso mesmo pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensinados conteúdos. (FREIRE, 2013, p. 31).

Aprendendo a Aprender

Por um longo período da história, muitas pessoas obtinham a ideia de que o docente era o detentor do saber, essa concepção já foi modificada e hoje o docente ao mesmo tempo em que esta ensinando seus alunos, também está aprendendo com os mesmos. Com isso, o professor tornou-se obrigado a repensar as suas práticas pedagógicas, com o objetivo de buscar melhorias em sua prática docente para contribuir no ensino/aprendizagem dos seus alunos. Mas, somente refletir sobre sua prática, não é o suficiente no mundo ao qual estamos

inseridos atualmente, a carreira docente necessita de sempre estar em constante busca pelo conhecimento, sendo assim, o currículo aqui proposto, irá expor conteúdos e vivências motoras que muitas vezes o docente teve pouco ou nenhum acesso. O aprendendo a aprender se torna mais latente nesta fase, o esporte radical “Parkour”, quando foi escolhido pelos alunos da escola Righetto para fazer parte dos conteúdos da educação física, ainda não havia sido pesquisado, tão pouco vivenciado pelo docente que iria aplicar as aulas sobre o conteúdo.

Através de diálogos com os praticantes da modalidade, pesquisas, análises de vídeos, leituras e diálogos com os discentes que já praticavam, foi possível organizar uma sequência de aulas aos quais os outros alunos que nunca haviam praticados, vivenciassem esta modalidade considerada nova para muitos deles, outros conteúdos seguiram esta mesma estrutura. Desde então o docente buscou visitar locais aos quais eram praticadas algumas modalidades esportivas que os discentes haviam propostos em suas produções textuais.

A prática docente foi e vai muito além de ensinar os conteúdos ou os seus movimentos, cabendo assim ao professor adequar aquele conteúdo, o esporte, por exemplo, para que todos os seus discentes tenham a possibilidade de praticar, sendo assim “[...] o esporte passa por uma transformação didático-pedagógica para atender às possibilidades de realização bem-sucedida de todos os participantes do ensino e não apenas de uma minoria.” (KUNZ, 2006, p.18). Com isso, podemos refletir sobre o esporte na escola e o esporte da escola que muitas vezes podem distanciar os alunos considerados menos habilidosos para determinadas práticas corporais.

O currículo orgânico sendo implementado

Na elaboração do currículo orgânico no que tange seu período pré implementação, os obstáculos foram, como apresentar essa proposta aos alunos, o que esperar dos mesmos? E como conseguir materiais para as práticas escolhidas? Nesta perspectiva pude analisar que as professoras pedagogas trabalham muito com os discentes, produções textuais e com isso me apropriei desta ferramenta pedagógica para que os mesmos produzam seus próprios textos escolhendo até três conteúdos existentes na educação física, os educandos tiveram uma semana para pesquisarem conteúdos e depois em sala de aula desenvolver o texto com os conteúdos justificando o porquê gostariam de aprender aqueles conteúdos que os mesmos escreveram no corpo do seu texto. Já na questão material, fiz parte do conselho da escola e pude expor minhas ideias para a compra de alguns materiais, assim como outros conseguimos

por doações de praticantes de algumas modalidades esportivas e também com recurso próprio do próprio professor de educação física.

Nos três anos implementando o currículo orgânico essa foi à metodologia diagnóstica para analisar o que os discentes gostariam de aprender nas aulas de educação física no quinto ano do ciclo anos iniciais. Inicialmente tivemos uma grande porcentagem de alunos e alunas escolhendo futebol, voleibol e basquetebol, logo depois vindo outros conteúdos, com o passar dos anos, as outras turmas descentralizaram essas práticas e equilibraram mais suas escolhas com outros conteúdos que os mesmos obtinham um interesse maior em vivenciar. No primeiro ano, a maior dificuldade encontrada foi quando comecei a acumular dois cargos de professor nas redes estadual e municipal, sendo que o desgaste físico e mental era muito grande, mas, ao longo do tempo consegui mediar essa dificuldade, é importante ressaltar que uma parcela de docentes ainda se comprometem com a educação escolar, sendo que muitos deles que não acumulam cargos conseguem dispor mais tempo para planejar suas aulas, em contrapartida, ainda sim existem docentes que acumulando ou não irão fazer aquele “rola a bola”.

No primeiro ano desenvolvendo o currículo orgânico, foi um prazer imenso trabalhar com os alunos o que efetivamente os mesmos gostariam de aprender e também com eles me desafiando a buscar novos conhecimentos.

Um trabalho concebido a partir de um planejamento participativo apresenta uma vinculação pertinente com a ideia de democratização da escola e do ensino, possibilitando a reconfiguração das relações em termos de espaços e poderes. (CORREIA, 2011, p. 163).

No primeiro ano implementando esta proposta os discentes foram participativos e deram muitas devolutivas, aos quais contribuíram diretamente no desenvolvimento das futuras aulas. Já no segundo ano desenvolvendo o currículo orgânico os alunos encontravam-se ansiosos, pelo fato de terem dialogado com os discentes que estavam vivenciando a proposta no ano anterior, com isso, uma grande parcela chegou ao quinto ano, com uma grande expectativa de expor o que ele gostaria de aprender. Os conteúdos do segundo ano da implementação da proposta se diversificou muito, o que para a formação discente foi uma grande contribuição, e para estimular o docente a sair ainda mais de sua zona de conforto e buscar mediar os conteúdos propostos pelos alunos, ao final do ano, mais precisamente no quarto bimestre todo, foi trabalhado com os mesmos os jogos olímpicos escolares, sendo interno e disputado apenas com os três quintos anos, tendo diversas modalidades esportivas que os mesmos vivenciaram e aprenderam durante as aulas de educação física e em outros espaços que os mesmos praticaram, assim como também os discentes com mediação docente desenvolveram

um jornal da escola, e puderam votar quais alunos iriam competir em cada modalidade ou ter as outras funções como repórter, fotografo, presidente, desenhista e muitas outras funções existentes em um evento esportivo.

No terceiro ano da proposta curricular orgânico os conteúdos continuam sendo diversificados e também descentralizados, com isso, outras propostas pedagógicas foram sendo desenvolvidas, em parceria com outros docentes e praticantes dos esportes que até então o docente não conhecia muito, foram os casos de apresentações em slides, vídeos da internet, revistas que abordavam especificamente o conteúdo que estava sendo trabalhado, entre outros, até chegarmos ao desenvolvimento dos mapas conceituais do esporte futebol e tênis, passando pelas versões em quadrinhos do skate, beisebol e parkour, para contribuir na aprendizagem dos discentes.

O currículo orgânico aqui apresentado continua sendo implementado e desenvolvido, tentando explorar cada dia mais a autonomia discente em suas escolhas concretas, sendo dialogado e justificado pelos mesmos.

Considerações finais

Trabalhar com o currículo orgânico, não é simples, tão pouco fácil, até porque lidar com pessoas é algo complexo, ainda mais quando pretendemos estimular a autonomia das mesmas e dar voz à quem muitas vezes não tem voz na própria escola. A proposta apresentada neste trabalho não tem como objetivo expor um modelo a ser seguido, foi implementado com alguns grupos de pessoas em um determinado contexto, tendo como objetivo maior, estimular a autonomia discente e a democracia dentro do ambiente escolar, com isso, pode-se analisar que através desta proposta, o docente tem um papel importante em estimular e mediar essa democracia na escola seja em qual disciplina o mesmo lecionar, no trabalho em questão foi através do componente curricular de educação física com as escolhas do que os educandos gostariam de aprender e desafiando o docente a sair de sua respectiva zona de conforto e buscar outras formações, ao qual o mesmo precisou ir buscar para desenvolver suas práticas pedagógicas com os conteúdos que seus próprios discentes escolheram.

Por fim, o currículo orgânico pôde estimular uma participação mais efetiva dos discentes em sua formação educacional escolar, com os mesmos escolhendo, justificando o porquê gostariam de aprender determinados conteúdos e podendo projetar a importância daqueles conteúdos que eles mesmos escolheram na vida deles.

REFERENCIAS

BRASIL - Ministério da Educação - **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's):** Educação Física. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p.

CORREIRA, W. R. **Educação física no ensino médio:** questões impertinentes. 2ªed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2011.

DE MARCO, A. (Org). **Educação física:** cultura e sociedade. 6ªed. Campinas: Papyrus, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 42ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo: Scipione, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** 44ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 54ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KISHIMOTO, T. M. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 14ªed. São Paulo: Cortez, 2011.

KUNZ, E. & TREBELS, A. H. (Org). **Educação física crítico-emancipatório:** com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte. Ijuí: Unijuí, 2006.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 7ªed. Ijuí: Unijuí, 2006.

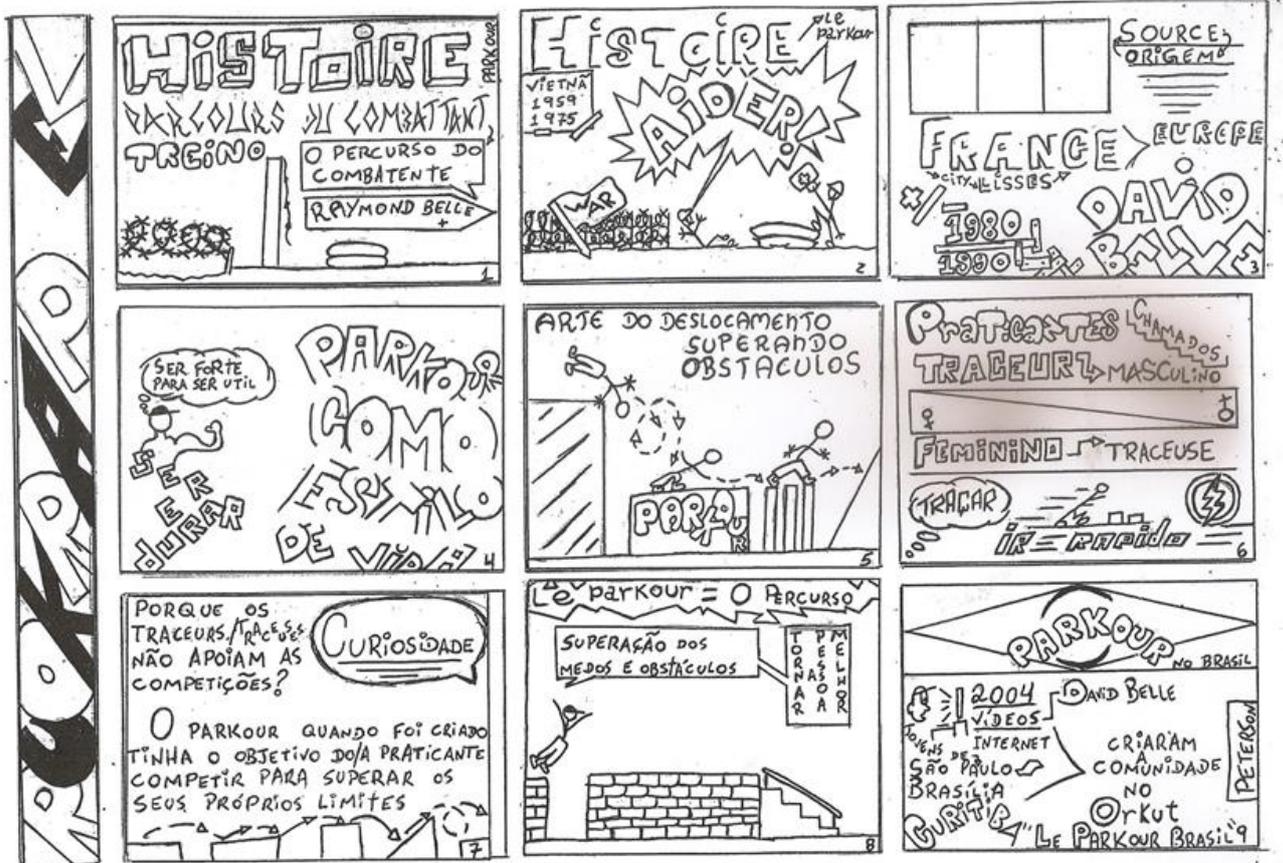
MOREIRA, A. M. **Teorias de aprendizagem.** São Paulo: EPU, 1999.

MOREIRA, A. F. & SILVA, T. T. Da. (orgs). **Currículo, cultura e sociedade.** 2ªed. São Paulo: Cortez, 1995.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo:** uma reflexão sobre a prática. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Cadernos do professor: educação física. Secretária da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Adalberto dos Santos Souza, Jocimar Daolio, Luciana Venâncio, Luiz Sanches Neto, Mauro Betti, Sérgio Roberto Silveira. – São Paulo: SEE, 2009.

<http://pedagogiaunicidiesdeguaianas.spaceblog.com.br/623673/JUSSARA-HOFFMANN-AVALIACAO-MEDIADORA/>
Acesso em: 08/11/12.



Quadrinho sobre o Le Parkour